

Clonagem de Seres Humanos?

Diversos Autores

No momento, a clonagem não é uma opção reprodutiva disponível para casais; mas um dia pode vir a ser. Portanto, merece alguma atenção aqui.

A publicidade em torno da clonagem da ovelha Dolly tem gerado debates públicos acalorados. Em janeiro de 1998, o presidente dos Estados Unidos Bill Clinton reafirmou publicamente sua rejeição à clonagem de seres humanos – uma prática chamada de “brincar de Deus”. No mesmo mês, um médico de Chicago prometeu que, num futuro relativamente próximo, começaria a oferecer a clonagem de humanos para o público e, num encontro de dezenove países da Europa em Paris, França, foi assinado um acordo proibindo a clonagem humana.

As pesquisas feitas com rebanhos já renderam conhecimentos importantes sobre gêmeos e pesquisas genéticas. Mas o caso de Dolly vai além da produção de gêmeos. Os relatórios afirmam que, pela primeira vez, os pesquisadores obtiveram sucesso na clonagem de um animal usando uma célula não-reprodutiva (isto é, nem espermatozóide, nem óvulo) de um animal adulto. Para isso, eles extraíram material genético da célula através da remoção de seu núcleo. Esse núcleo foi, então, inserido em um óvulo cujo núcleo também havia sido removido. Através da aplicação de energia elétrica, esse óvulo com o mesmo código genético da ovelha adulta foi estimulado a se dividir. A nova célula começou a divisão e, por fim, resultou numa ovelha madura idêntica à ovelha doadora. Assim, Dolly era um clone, uma réplica genética exata da ovelha da qual foi tirada a célula original.

A manifestação pública contra o processo de clonagem normalmente vem do medo de que o procedimento seja aplicado em seres humanos. Para que isso acontecesse, o clone e a pessoa de quem o clone seria originado, assim como gêmeos idênticos, teriam a mesma configuração cromossômica, mas teriam uma diferença de idade de muitos anos. A possibilidade de doação de órgãos, reposição de indivíduos mortos e de seleção e criação de uma “super-raça” de indivíduos idênticos torna-se bastante real. Os governos estão debatendo a ética da clonagem, mas não querem servir de empecilho para a pesquisa científica.

Líderes religiosos têm mostrado a tendência de repudiar o procedimento, afirmando que a clonagem é uma violação do domínio e autoridade de Deus. Deus confiou a sua criação às mãos da humanidade. Deus fez o homem à sua imagem e não deu a ele autoridade absoluta sobre a vida humana, apenas sobre plantas e animais. Portanto, a clonagem de animais

ou plantas está dentro dessa categoria, mas não o uso deste procedimento com seres humanos. Plantas e animais podem ser usados para alcançar propósitos humanos, mas pessoas não devem ser usadas dessa maneira. Pessoas têm dignidade, pois são criadas à imagem de Deus (Gênesis 1.28; 9.6). Outra questão teológica é: *um clone humano teria alma?* Não há motivos para pensar que não, tendo em vista que, no caso de gêmeos idênticos, cada um tem uma alma. Poucos acreditam que gêmeos compartilham uma mesma alma e que, por isso, são inferiores.

Apesar de a clonagem não alterar o material genético, seu atrativo está no fato de que se pode produzir uma pessoa com determinado código genético. É um primeiro passo num empreendimento muito maior de planejamento genético de caráter moralmente dúbio. Uma coisa é intervir medicamente ou de maneira a ajudar as pessoas; outra coisa bem diferente é alterar seres humanos sem o seu consentimento para o benefício de outra pessoa (ver questão anterior). Produzir o clone de uma criança, quer para substituir um filho que morreu ou para doar órgãos para uma criança doente pode, a princípio, parecer nobre. Entretanto, ações desse tipo abrem a porta para uma forma de ver e tratar as pessoas (usando-as) como instrumentos e não como indivíduos singulares.

Se vamos justificar a clonagem tomando por base a maneira como os clones podem ajudar outras pessoas – ou seja, com base nas conseqüências – então, uma grande variedade de outras conseqüências deve ser levada em consideração. Será que uma pesquisa recente que tornou possível a produção de ratos sem cabeça também não seria tentadora – no sentido de produzir pessoas sem cabeça para serem menos doadores de órgãos? Se a clonagem de humanos pudesse criar uma geração de indivíduos com características desejáveis, não seria possível, então, impedir que pessoas com características menos atraentes se reproduzissem? Será que não seríamos tentados a mudar o genoma do mundo de forma a agradar nossos gostos e preferências? O que impediria as grandes potências mundiais de repovoar o mundo com uma raça considerada superior, condenando os demais à extinção? Se resultados atraentes justificam o uso de pessoas, então não há limite para as possibilidades.

Muito além disso tudo, porém, está a questão de desenvolver a capacidade de se clonar humanos com segurança. Para produzir o clone de uma ovelha foram feitas 276 tentativas que fracassaram, incluindo a morte de diversos clones defeituosos. Não importa o quanto alguém queira uma criança, quer através de clonagem ou outra forma, ninguém tem o direito de submetê-la à morte quase certa por causa de tais experiências.

Fonte: *Perguntas básicas sobre Tecnologia de Reprodução. Quando é certo interferir?*, Editora Cultura Cristã, p. 68-72. Autores do livro: Linda K. Bevington, Paige C. Cunningham, William R. Cutrer, Timothy J. Demy, John F. Kilner, Donal P. O'Mathúna, Gary P. Stewart.